

LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS

ESCRITOR LUSITANO DA IDADE DE PRATA DA LITERATURA LATINA



ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTORIA
REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA



JOÃO LUÍS CARDOSO & MARTÍN ALMAGRO-GORBEA
(EDS.)

LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS

ESCRITOR LUSITANO DA IDADE DE PRATA DA LITERATURA LATINA

**Colóquio Internacional de Tróia
6-8 de Outubro de 2010**

COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
PROF. DOUTOR ANÍBAL CAVACO SILVA



ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTORIA
REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA

LISBOA - MADRID

2011

Ficha técnica

Título

Lucius Cornelius Bocchus

Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina

Editores

João Luís Cardoso & Martín Almagro-Gorbea

Execução gráfica

Graficamares, Lda.

R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10

4720-608 Prozelos - Amares

Tiragem

350 Exemplares

© *Da edição*: Academia Portuguesa da História
Real Academia de la Historia

© *Dos artigos e fotografias*: os respectivos autores

Depósito legal

336667/11

ISBN

978-841-5069-31-7



CORNELII BOCCHI DE OLISIPO, SCALLABIS E SALACIA

Cornelii Bocchi at Olisipo, Scallabis and Salacia

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO¹
Academia Portuguesa da História
jde@fl.uc.pt

Abstract

The study of the epigraphy of *Salacia* and *Tróia* has led me to identify several examples of epigraphs that may be related to the *Bocchi*; the fruitless search for the inscription dedicated to one of these *Bocchi* by the *colonia Scallabitaná* in Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos), where it was seen by Fernando Bandeira Ferreira; the happy finding, in the excavations by A. Dias Diogo in Lisbon, of a stela dedicated, most probably by the municipality of the town of *Olisipo*, to *Lucius Cornelius Bocchus* and the proposed interpretation of an epigraph from *Emerita Augusta* suggest the existence of a *Cornelius Bocchus* directly related with provincial power, which has led me to reflect on their apparent ubiquitousness.

The doubts on the identification of these figures (or of this figure) once more pose questions raised at the time by Bandeira Ferreira in the sequence noted by Hübner. And, in this sense, a brief critical balance is drawn of the contributions offered by the researchers

Resumo

O facto de, ao estudar a epigrafia de *Salacia* e de Tróia, ter identificado diversas epígrafes relacionáveis com os *Bocchi*; a circunstância de, ao ir ao muro da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos), onde Fernando Bandeira Ferreira vira a inscrição dedicada a um desses *Bocchi* pela *colonia Scallabitaná*, aí a não ter encontrado; o feliz achamento, no decorrer das escavações levadas a cabo por A. Dias Diogo em Lisboa, de um cipo dedicado (seguramente pelo município olisiponense) a Lúcio Cornélio Boco; a proposta de interpretação de uma epígrafe de *Emerita Augusta* a sugerir a existência de um Cornélio Boco directamente ligado ao poder provincial – levaram-me a reflectir sobre a sua eventual omnipresença.

Dir-se-á, pois, das dúvidas acerca da identificação destas personagens – ou desta personagem – retomando as interrogações levantadas, em seu devido tempo, por Bandeira Ferreira, na sequência do que já Hübner apontara. E, nesse sentido, far-se-á breve balanço crítico das contribuições dadas pelos investigadores.

¹ CEAUCP – Universidade de Coimbra. A preparação deste texto insere-se no quadro da investigação levada a efeito como membro do grupo “Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages” do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade de Investigação 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

1. INTRODUÇÃO

O facto de, ao estudar a epigrafia de *Salacia* e de Tróia, ter identificado diversas epígrafes relacionáveis com os *Bocchi*; a circunstância de, ao ir ao muro da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos), onde Fernando Bandeira Ferreira vira a inscrição dedicada a um desses *Bocchi* pela *colonia Scallabitaná*, aí a não ter encontrado; o feliz achamento, no decorrer das escavações levadas a cabo por A. Dias Diogo em Lisboa, de um cipo dedicado (seguramente pelo município olisiponense) a Lúcio Cornélio Boco; a proposta de interpretação de uma epígrafe de *Emerita Augusta* a sugerir a existência de um Cornélio Boco directamente ligado ao poder provincial – levaram-me a reflectir sobre a necessidade de se colocarem em presença todos os elementos epigráficos de que ora dispomos, para se ajuizar da eventual omnipresença desta família no quadro geográfico da Lusitânia romana, mormente no perímetro dos estuários dos rios Tejo e Sado, de primordial relevância económica e política.

2. A DOCUMENTAÇÃO EPIGRÁFICA²

2.1. *IRCP* 185

A fonte de Hübner é Cornide, que não sabe donde a copiou; afirma que pertence à “coleção litológica da Academia”; que teria estado junto à igreja da Misericórdia de Alcácer, num cipo, «que decia así» (Fig. 1).³ A sua localização num muro de propriedade da Quinta de Sempre-Noiva, perto de Arraiolos (Fig. 2),⁴ deve-se a Túlio Espanca, quando preparava o inventário artístico do concelho de Évora, que viria a publicar em 1966, referindo aí (p. 369) esse achado. Antes, porém, da publicação, quis saber a opinião de Fernando Bandeira Ferreira, que propôs desde logo a sua identificação com *CIL* II 35⁵ e dela deu conhecimento na sessão de 19 de Novembro de 1955 da 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da Junta Nacional de Educação, de que era vogal. Sugeri, logo aí, que se entabulassem «negociações com o proprietário da quinta para que a lápide ingressasse tão breve quanto possível, num museu do Estado» e dá conta da sua visita ao local em 27 de Dezembro seguinte.

**L. CORNELIO . C. F.
BOCCHO
FLAM. PROVIN. TR. MII.
COLONIA V SCALLABITANA
OB. E. MERITA IN COLON.**

Fig. 1

² Dispensou-me de citar de cada epígrafe a sua bibliografia exaustiva – e mesmo sobre o tema – que pode consultar-se, por exemplo, num dos mais recentes trabalhos de Marta González Herrero (2011).

³ Retiro a imagem e as informações da publicação de Abascal e Cebrián (2009, p. 645). A propósito do facto de esta epígrafe estar desaparecida, quando fez o seu estudo sobre Cornélio Boco (1895, pp. 69-76), Leite de Vasconcelos escreveu: «Aos meus amigos e dedicados investigadores das antiguidades de Alcácer, os Srs. P.^o Francisco de Mattos Galamba, e Joaquim Correia Baptista, incumbo a tarefa de procurarem a preciosa pedra por lá nalguma parede ou em algum entulho; se a acharem, grande serviço prestam á nossa Archeologia».

⁴ Devo esta foto à gentileza de sua filha, Dr.^a Isabel Bandeira Ferreira, que encontrou os negativos entre o espólio do pai. Quando visitei o sítio, nos finais da década de 70 do século passado, só havia o espaço em que a pedra se encontrara – esta levava descaminho e é bem possível que, um dia, venha a reencontrar-se na posse dalgum colecionador... Aliás, já quando foi à quinta a missão da Junta Nacional de Educação, «os empregados da quinta fingiram, ao princípio, ignorar a existência da lápide» (Ferreira, 1956, p. 88).

⁵ Explicita Bandeira Ferreira (1956, 95, nota 10) que Cornide se não terá equivocado ao colocar a epígrafe em Alcácer, dado que também «*Carolus Clusius* (1525?-1609)» a atribuiu a Alcácer. Considera, pois, que «a inscrição, que existia, nos fins do século XVIII nessa vila, foi transportada, em data ignorada (mas depois de 1795 e provavelmente antes de 1894) para a Sempre-Noiva». Decerto, um dia também se logrará saber o que se passou; contudo, como tive ocasião de escrever em relação às inscrições de Santana do Campo (2010, p. 34), uma pista a explorar poderá encontrar-se no testemunho de Túlio Espanca, que, ao descrever a Quinta da Sempre-Noiva, afirma: «No local conservam-se restos arqueológicos romanos de merecimento, talvez reunidos por D. Francisco de Portugal, 1.^o Conde de Vimioso» (1966, pp. 368-369).



Fig. 2

O monumento é descrito como sendo um «bloco paralelepípedo, de mármore azulado (Montes Claros?)»,⁶ com 29 × 49 cm (não se logrou medir a espessura). E da leitura apresentada

[L(*ucio*) ?] CORNELIO C(*a*ii) · [F(*ilio*)]
 BOCCHO ·
 [FL]AM(*ini*) · PROVINC(*iae*) TR(*ibuno*) MIL(*itum*) ·
 [CO]LONIA · SCALLABITANA ·
⁵[OB] · MERITA · IN · COLON(*iam*) ·

se deduz que este *Bocchus* é filho de Gaio e dele se desconhece o *praenomen*;⁷ e há duas outras questões que ficam por solucionar: estaremos perante o fragmento dum pedestal? Serão estes os seus dois títulos principais, sabendo nós que os dados do *cursus honorum* patentes nas inscrições honoríficas têm em conta (tal como os nossos currículos, hoje...) o contexto em que eram apresentados?

⁶ Penso que será, de preferência, mármore de Trigaches, que foi o usado pelos romanos de *Salacia*.

⁷ Recorde-se que Leite de Vasconcelos afirmara (1895, p. 71) que «só a descoberta» desta epígrafe «poderia resolver a dúvida» em relação aos *praenomina* registados e consequente identificação dos diversos *Bocchi* e eventual relacionamento familiar entre eles. Não resolveu.

2.2. *IRCP* 188 = *FE* 40 (Fig. 3)

L · CO [...]
IIVIR[...]
FLA[M...]

Placa honorífica ou monumental, de mármore branco, achada, em reaproveitamento, no castelo de Alcácer, com as seguintes dimensões: 47 × 35 × 13,5 cm. Refere um *Lucius Cornelius* [...], que foi duúviro e flâmine.

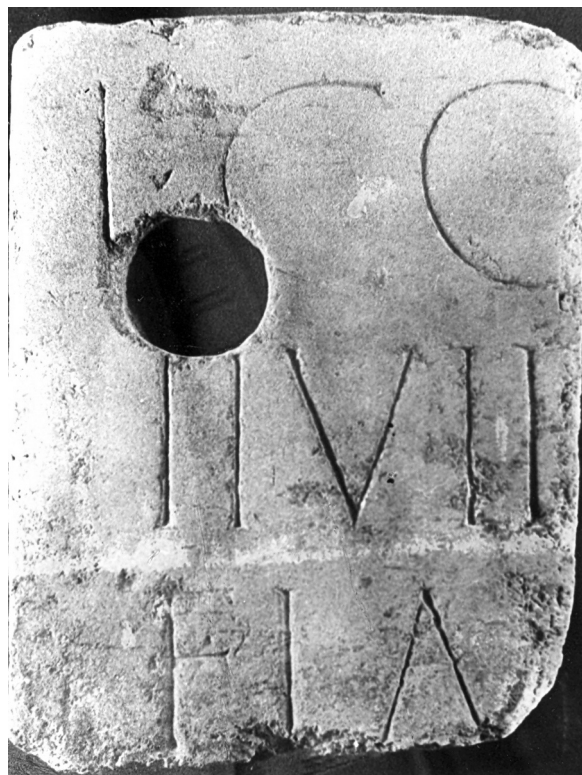


Fig. 3

2.3. *IRCP* 189 = *CIL* II 2479 e 5617 (Fig. 4)

[...] CHVS · PR · CAESARVM · BIS
[...] T · PERP · FLAMEN · PERP
[...]II · PR · FABR · V · TR · MIL · D · S · P · F

«A cousa que mais me interessou em Alcacer logo que sahi à rua pela manhã, foi a seguinte inscrição insculpida numa pedra rectangular embutida na parede de uma casa que faz esquina para a Rua Direita e para a Rua do Cotovêllo», escreveu Leite de Vasconcelos (1895, p. 69), corrigindo, de seguida, a proveniência de Vale de Reis, algures na Galiza, que fora comunicada a Argote por um amigo.

De mármore de Trigaches, medindo 53 × 164 × 10 cm, a epígrafe deverá, sem dúvida, inserir-se nas epígrafes monumentais, qual *epistylum*, inclusive com os orifícios para o encaixe e como a fórmula final – *de sua pecunia fecit* – o dá claramente a entender.

Interessa-nos salientar os cargos aí mencionados para o *Bocchus* de cuja identificação apenas resta *-chus*: duas vezes prefeito dos Césares; pontífice (?) perpétuo; flâmine perpétuo; não se sabe ao certo que função viria identificada a seguir; cinco vezes prefeito dos artífices; tribuno militar.

Se levarmos em conta os dados fornecidos pela paleografia, a epígrafe poderá datar-se da 1.^a metade do século I d. C.: P aberto; R feito a partir do P; B assimétrico; A de barra acima da média.



Fig. 4



Fig. 5

2.4. *IRCP* 205 = *FE* 41 (Fig. 5)

L · CO[RNELIVS?] [...]

Achada por João Carlos Lázaro Faria na cerca do Convento de Araceli, no castelo de Alcácer, é uma placa (?) com o começo de inscrição monumental, de arenito (?) cristalino branco, medindo (23) × (38) × 11,5 cm.

2.5. *IRCP* 207 = *CIL* II 5184

[L(*ucio*) · C]ORNELIO · L(*ucii*) · F(*ilio*)
 [B]OCCHO
 [FLAMI]NI · PROVINC(*iae*)
 [TR(*ibuno*)] · MIL(*itum*) · LEG(*ionis*) · III (*tertia*) · AVG(*ustae*)
 [...]

Leite de Vasconcelos (1895, pp. 70-71) viu foto, «embora um tanto apagada», desta inscrição, «achada em 1871 em Troia», que, informa, estava na posse do «sr. Almeida Carvalho, de Setubal». Transcreve o texto dado por Hübner, limitando-se a pôr «por extenso algumas letras que estão partidas» (Fig. 6).

L. cORNELIO. L. F
 OCCHO
 flamiNI. PROVINC
 tr. MIL. LEG. III. AVG

Fig. 6

De paradeiro ora desconhecido,⁸ a epígrafe poderá ser um pedestal.⁹ Garante Leite de Vasconcelos que se trata de um *Lucius*, filho de Lúcio. Os cargos referidos: flâmine provincial e tribuno da III Legião Augusta.

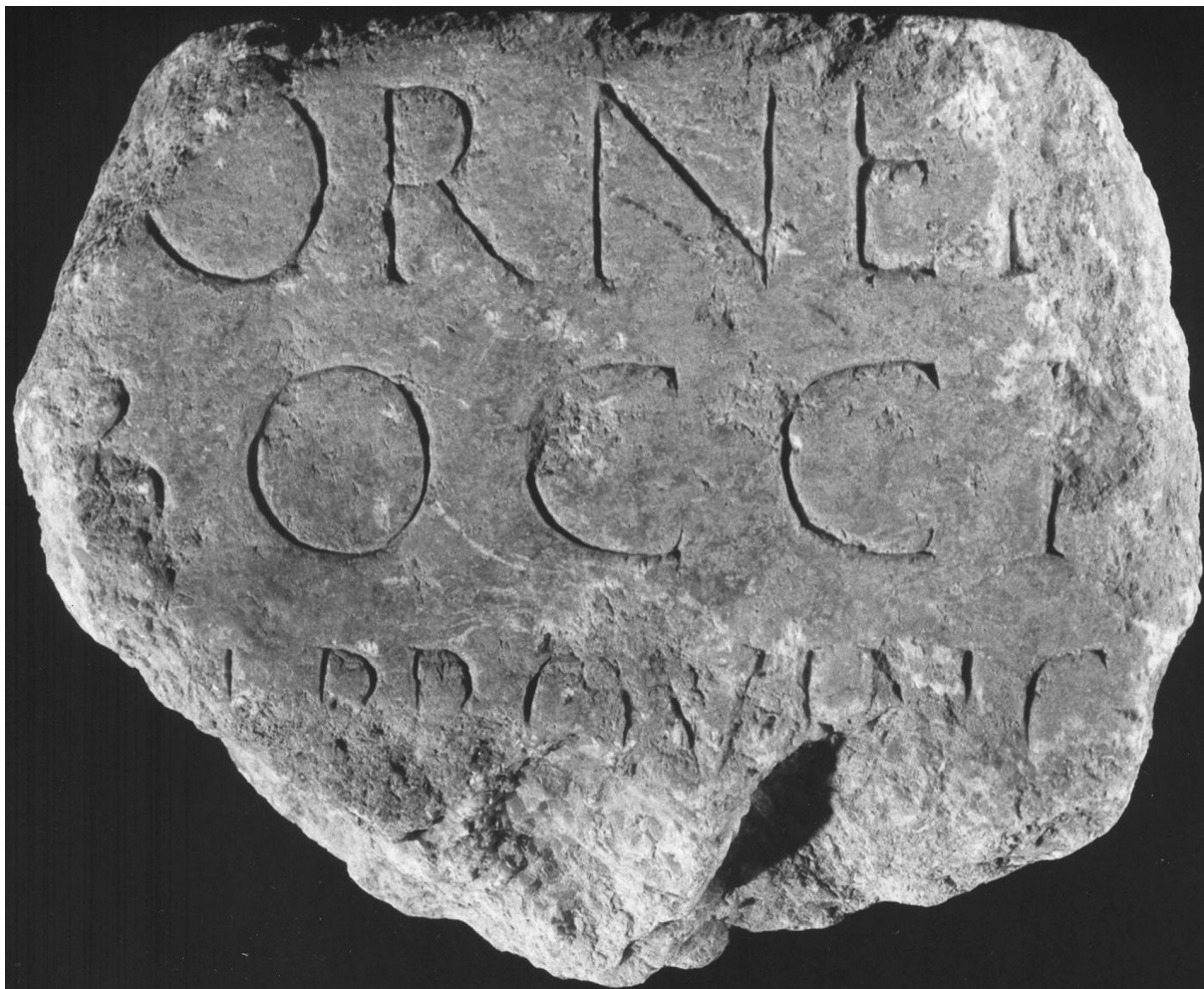


Fig. 7

2.6. FE 235 = AE 1996 840 (FIG. 7)

[...] [C]ORNEL[IO] [...]
 BOCCH[O]
[FLAMIN]I PROVINC[IAE]
[...]

Fragmento achado no castelo de Alcácer, em 1995. Bloco paralelepípedo, mármore de Triga-ches. Dimensões: 21,5 × 25,5 × 14,2 cm.

⁸ Creio não ser descabido solicitar a intervenção dos que, em Setúbal, se interessam pela história da cidade, no sentido de se tentar saber quem poderão ser os descendentes de Almeida Carvalho, eventuais possuidores ainda hoje dessa 'antigualha'.

⁹ Por lapso, não tomei em atenção, para o meu estudo de 1984, o artigo de Leite de Vasconcelos, que expressamente sugere tratar-se de um pedestal, e apenas referi, por isso, a informação prestada por Hübner de que a epígrafe se distribuía «por quatro fragmentos duma grande placa lapídea».



Fig. 8

2.7. FE 275 = AE 2002 661 (FIG. 8)

L(*ucio*) · CORNELIO

L(*ucii*) · F(*ilio*) · GAL(*eria tribu*) · BOCCHO

SALACIENSI

FLAMINI · PROVIN

⁵ CIAE · LVSITANIA[E]

PRAEF(*ecto*) · FABRVM · V (*quinquies*)

TRIB(*uno*) · MILIT(*um*) · LEG(*ionis*) · VIII (*octavae*)

AVG(*ustae*)

D(*ecreto*) D(*ecurionum*)

Cipo paralelepípedo de lioz de veios rosados, achado, em reutilização, nas Termas dos Cássios, em Lisboa. Dimensões: 99 × 49 × 48,5 cm.

Identificação sem margem para dúvidas: salaciense, filho de Lúcio; flâmine provincial, prefeito dos artífices por cinco vezes; tribuno da VIII Legião Augusta.¹⁰ Monumento mandado erigir por decreto dos decuriões.

3. CONCLUSÕES

3.1. Os *CORNELII BOCCHI*

Temos, pelo menos, quatro *Cornelii Bocchi*:

- O 1.º, Gaio, pai do homenageado pela *colonia Scallabitaná*, e do qual nada mais se sabe;
- O 2.º, esse homenageado, flâmine provincial e tribuno militar;
- O 3.º, também flâmine provincial, mas tribuno da III Legião Augusta e filho de Lúcio.
- O 4.º, homenageado em *Olisipo*, que não pode ser este 3.º, porque tribuno da VIII Legião Augusta, e ao qual se refere o texto monumental e, mui possivelmente, os três fragmentos de Alcácer. Filho de que Lúcio? [um 5.º?]

Se, no texto de Tróia, em vez de III se lesse VIII, facilmente se faria a identificação; mas não parece que tenha havido dúvidas nessa leitura.

Três foram flâmines provinciais e tribunos militares, ou seja, cavaleiros, desconhecendo-se, porém, se oriundos do escol municipal de Salacia – o que se me afigura plausível.¹¹

Do homenageado em Lisboa, conhecemos quase tudo:

- foi duúnviro;
- prefeito dos Césares;
- talvez pontífice perpétuo;
- flâmine provincial efectivo e perpétuo;
- prefeito dos artífices por cinco vezes;
- tribuno da VIII Legião Augusta.

E é sobre o currículo deste personagem que importa agora reflectir, deixando de parte – porque, em meu entender, não poderemos ultrapassar a mera conjectura – o natural relacionamento familiar entre as quatro (ou cinco) personagens em presença.¹²

¹⁰ Deve-se à dúvida levantada, nos primeiros dias de Junho, por Isabel Rodà, acerca do facto de ainda se não ter registado uma legião VII com o epíteto de Augusta, a necessidade de se proceder a uma análise mais cuidada da foto de pormenor disponível e, de modo especial, a nova observação da pedra por parte de Ana Caessa, António Marques e Rodrigo Banha da Silva, a 9 de Junho de 2011, solicitamente correspondendo ao meu pedido – o que mui encarecidamente agradeço. Verificou-se que estava, de facto, gravado na pedra o terceiro I, cujo sulco, apesar do desgaste, é totalmente nítido.

¹¹ Cf.: Robert Étienne (1974, p. 152), Lefèbvre (2001, p. 229).

¹² Não posso, porém, deixar de anotar a reflexão que o Prof. Jorge de Alarcão teve a gentileza de partilhar comigo em *e-mail* enviado a 27.10.2010 (que muito agradeço): «O Lucius de Olisipo foi filho do Lucius de Salacia que tem aquele comprido *cursum honorum* que remata com *praefectus Caesarum*. Este, por sua vez, foi filho de um Caius. Este Caius teve outro filho a quem deu o mesmo nome de Caius; e este último Caius teve um filho a quem chamou Lucius e que é o atestado pela inscrição de Alcácer/Arraiolos. Assim, o Lucius de Olisipo e o Lucius de Alcácer/Arraiolos foram primos». Também Styłow e Ventura (2010, p. 486, nota 25) se pronunciam acerca do parentesco entre os *Cornelii Bocchi* documentados, mormente entre o filho

3.2. *PRAEFECTUS CAESARUM*

3.2.1. *PRAEFECTUS*

Sei que corro o risco de repetir algo que já foi discutido e sobejamente analisado, tanta é a bibliografia existente em que *CIL* II 5617 (= EE VIII 4) aparece referido; julgo, no entanto, que esta prefeitura dos Césares, pelo seu carácter invulgar, nomeadamente por ter sido exercida por duas vezes, ou seja, eventualmente em dois anos consecutivos, exige maior atenção.

Em primeiro lugar: que significado se há-de atribuir ao termo *praefectus*?

No *Oxford Latin Dictionary* (Oxford, 1969, s.v. “praefectus”), para além da referência às funções militares¹³ e a prefeituras específicas (próprias, como se sabe, do *cursus* honorum equestre, como a do pretório ou a do Egipto), começa-se por definir *praefectus* como «a person appointed by a higher authority in the central or local government to take charge (of a civil department, branch of administration)» e, ainda, como «the deputer of a duumvir in a provincial town».

Por conseguinte, o *praefectus*, nesta acepção, pode ser eleito ou nomeado para exercer determinada função específica, de carácter temporário, sem obrigatoriedade de se especificar que está a fazer as vezes de alguém – como é o caso de outro texto de *Salacia* (*IRCP* 187), em que, no currículo de L. Pórcio Hímero, se explicita que, a dado momento, ele foi *praefectus pro duumviro*, ou seja, que substituiu um dos duúnviros aquando do seu impedimento no exercício de funções.

A pesquisa de I. Didu (1983-1984) foi, porém, num outro sentido, optando por ver no *praefectus* um “sostituto di Imperatori, cesari e altri notabili eletti alle più alte magistrature municipali”. Nessa linha procedeu, pois, Giovanni Mennella, no que virá a ser seguido por Marta González Herrero (2011).¹⁴ Assim, em 1988, acentua esse hábito de a *ordo* das cidades honrar os imperadores e os membros da sua *domus*, atribuindo-lhes funções municipais, que eram, na prática, exercidas por esses prefeitos, sublinhando que «il nome dell'onorato è indicato sempre per esteso, salvo che per i principi colpiti dalla *damnatio memoriae*, dei quali si riferiva allora la titolatura generica» (p. 70). Voltou ao tema em 1989, mediante a análise do que se passara na Hispânia romana, e aí se refere (p. 379, n.º 4) a *IRCP* 189. Por lapso, sem dúvida, considera que estamos perante um prefeito «del principe regnante» (pois que o inclui nessa categoria que classificou com um **a**).

Já lá vamos à tentativa de identificação dos Césares aí mencionados. Antes importa, porém, sublinhar que – na sequência do significado da palavra acima transcrito – não estou de acordo com a estrita interpretação dada a *praefectus* como substituto de alguém, mesmo quando temos (estou a seguir o texto de Mennella) um *Publius Aelius Fabianus*, um *Iunianus Lupus* ou, ainda, um *L. Servilius Pollio*, que são *praefecti Cai Caesaris* em *Ulia* (n.º 1, *CIL* II 1534), em *Caesaraugusta* (n.º 6, p. 380) e em *Carmo* (n.º 7, *CIL* II 5120), respectivamente. Certo é, na verdade, que tanto a *Lex Irnitana* – no passo que G. Mennella transcreve com o n.º 14 (p. 381) – como a *Lex Salpensana* (n.º 16, p. 382), incluem, na sua rubrica 24, normas expressas *de praefecto imperatoris Caesaris Domitiani Augusti*, mas tal não significa, a meu ver, que todas as prefeituras de príncipes devam obedecer a esse esquema; ou melhor, se devam entender como mero exercício de substituição.

de *Gaius* e o filho de *Lucius*: «Considerando el paralelismo, también cronológico, de las dos carreras, parece más verosímil que hubieran sido primos hermanos».

¹³ As funções militares são muito claras, por exemplo, na nomeação de *praefecti* para o Norte de África. Baccolini conclui que «il *praefectus* in Nordafrica aveva una delega che proveniva direttamente dall'imperatore in qualità di supremo capo militare» (p. 241), o que não admira, se considerarmos, como o título da sua tese indica, que essa é uma forma institucional de se operar o «controllo politico militare delle popolazioni indigene non romanizzate».

¹⁴ Agradeço à Autora a suma gentileza de me haver dado a conhecer o que escrevera a esse respeito no livro ainda no prelo quando redigi estas linhas.

Estes *praefecti* poderão, antes, conceber-se como veículos de uma promoção local do culto, da simpatia, do clientelismo em relação aos príncipes de quem são prefeitos.¹⁵ A minha proposta de identificação dos Césares mencionados na epígrafe em análise vai, pois, mais nesse sentido.

3.2.2. CAESARUM

Importa, antes de mais, referir que Hübner optou por identificar os Césares mencionados na epígrafe como sendo Augusto e Tibério: «Caesares enim Augustus et Tiberius fuisse putandi sunt» (EE VIII 4).

Robert Étienne (1974, p. 124) retoma essa proposta de Hübner, mas também não rejeita a hipótese de se tratar de Vespasiano e Tito.

Marta González Herrero (2011) começa por fazer-se eco das propostas avançadas por Segolène Demougin (1992, n.º 513): «La primera posibilidad que se presenta es que se trate de Druso el Joven y Germánico, el primero hijo biológico de Tiberio y el segundo su sobrino e hijo adoptivo»; «na segunda posibilidad es [...] identificar a los Césares con Nerón César y Druso César, los hijos de Germánico» e, nesse caso, compreender-se-ia «que sus nombres pudieron haber sido intencionadamente silenciados porque cuando se grabó la placa ya habían caído en desgracia por decisión del propio Tiberio». Retoma-se, pois, aqui, a ideia de *damnatio memoriae*, que Mennella advogara, ainda que este investigador haja, como vimos, considerado o singular, sugerindo também outra identificação: «In tal caso, allora, l'ignoto imperatore avrebbe potuto essere Caligola» (1989, p. 384).

Marta González Herrero inclina-se, porém, para a segunda hipótese aventada por Segolène Demougin: «Es más lógico pensar que el municipio ofreció la magistratura honorífica a Nerón César y Druso César después de que el emperador les hubo recomendado como herederos a los senadores y todavía contaban con su aprobación, entre los años 20-23. Precisamente este gesto explica el interés de algunas ciudades hispanas en ofrecerles magistraturas honoríficas, como *Caesaraugusta* y *Carthago Noua*, donde fueron nombrados *duumviri* y *duumviri quinquennales*, según consta en ciertas acuñaciones [...]. En la misma línea podríamos interpretar la actuación de *Salacia* que habría mostrado su beneplácito con la decisión del emperador al elegir a Nerón César y a Druso César como candidatos a sucederle en el trono imperial».¹⁶

De facto, como explicita mais adiante, essa omissão «significaría que *Salacia* se posicionó públicamente en contra de Sejano y del propio Tiberio» e conclui que «la placa fue grabada en *Salacia* entre los años 20 y 30-31».¹⁷

A minha opção¹⁸ vai, todavia, noutro sentido: os Césares assim mencionados de uma forma genérica – num momento em que, no Império, todos sabiam quem eram e não se necessitava de mais esclarecimento – são Lúcio e Gaio, filhos adoptivos de Augusto, *principes iuventutis*, aos quais se conhecem homenagens (Encarnação, 2007, pp. 351-357) em *Bracara Augusta*, em *Emerita Augusta*, em *Caesaraugusta* e... na *civitas Igaeditanorum*. *L. Cornelius Bocchus* teria sido designado, julgo eu,

¹⁵ E, no caso de Domiciano, bem sabemos quanto o imperador necessitava de ampla propaganda para manter a sua escassa base de apoio...

¹⁶ No referido *e-mail* que me enviou, Jorge de Alarcão concorda com esta opinião: «Os Césares foram Nero e Druso».

¹⁷ Observe-se que, em vez de «placa», eu preferiria ver nesta epígrafe um elemento arquitectónico, quiçá um lintel. Por outro lado, já que estamos a fazer-nos eco do que escreveu Marta González Herrero, assinala-se que, em sua opinião, a segunda linha da inscrição acima transcrita com o n.º 2.3, «comenzaba con la indicación de la magistratura honorífica ofrecida a los Césares en *Salacia*».

¹⁸ Corroborada, aliás, por J. A. Delgado, na rápida troca de impressões que tivemos, durante este colóquio.

para superintender, em *Salacia*, às homenagens a ambos com que a cidade se quis, de imediato, associar ao largo movimento de pesar que perpassava pelo Império, eventualmente erigindo em sua honra o monumento que *L. Cornelius Bocchus* faria questão em pagar de seu bolso: *de sua pecunia fecit!*

Recorde-se o orgulho com que Augusto se refere, nas *Res Gestae* (14), às homenagens prestadas a estes seus filhos. Por outro lado, o seu prematuro desaparecimento teve enorme eco nas principais cidades do Império, de que se conhecem, entre outros, os decretos dos decuriões da colónia de *Pisae*, emanados para lhes honrar a memória, determinando que se erija um arco ornado com as suas douradas estátuas equestres – «*duae equestres inauratae Gai et Luci Caesarum statuae ponantur*» (*CIL* XI 1420 e 1421, linhas 36-37) – arco que Fred S. Kleiner (1984) minuciosamente estudou.

Viriam aqui, a propósito, referências à enorme importância que *Salacia* teve logo nos primórdios da vinda dos Romanos para a Península Ibérica, nomeadamente no que concerne ao culto imperial; mas esse aspecto já tem sido amiúde abordado.¹⁹ Permita-se-me, pois, que apenas aduza mais alguns argumentos a favor dessa proposta de identificação dos Césares, passível, naturalmente, de objecções, sobretudo tendo em conta a cronologia e o que se sabe sobre a ‘institucionalização’ do culto imperial, através da eleição de flâmines locais e provinciais.²⁰

«*Se flamen provinciae* é um título usado após a divinização de Cláudio», escreveu Robert Étienne (2002, p. 99), «o primeiro Bocchus, filho de Caius, tê-lo-á assumido sob Nero e o seu filho no início do império de Vespasiano».²¹

Sendo assim, digo eu, colocando a função de *praefectus Caesarum* pouco tempo após as mortes de Gaio e Lúcio (por exemplo, em 4 d.C., pois que Gaio morre a 14 de Fevereiro desse ano) e sabendo que Nero começa a governar no ano 54, poderá haver, de facto, dificuldade em estruturar o *cursus honorum* de *L. Cornelius Bocchus* ao longo de quase setenta anos, atendendo a que, para ser nomeado *praefectus Caesarum* (seguramente, a meu ver, a primeira função que desempenhou),²² teria, no ano 4, pelo menos, 18 anos, ou seja, 68 quando o proclamaram *flamen provincialis*.

Teria sido este, assim, o coroar de uma carreira onde se contavam honrarias deveras excepcionais – e isso há que ter em conta também, pois fora-lhe concedido o título perpétuo de flâmine (e quiçá também o de pontífice) e cinco vezes fora *praefectus fabrum*, uma das quais (propõem Stylow e Ventura, 2009, pp. 486-489), a partir de 1 de Julho de 31, a do cônsul sufecto *L. Fulcinius Trio*, governador da Lusitânia, eventualmente como *curator templi Divi Augusti*, na capital provincial, o que muito bem se coaduna com todo o seu percurso de enorme fidelidade ao poder central!

Contudo, há quem pense que o culto provincial possa «être né en Lusitanie au tout début du règne de Tibère» (Lefèbvre, 2001, p. 230); e, nesse caso, aumenta a possibilidade de a nossa hipótese ter fundamento, dado que Tibério reinou de 14 a 37 e, por conseguinte, nessa altura, *Bocchus* estaria em plena idade madura e fica mais bem enquadrada cronologicamente a sua colaboração a *L. Fulcinius Trio!*

¹⁹ Cf. Encarnação (2009, pp. 221-222; com actualização bibliográfica, de que se mencionam aqui, na bibliografia final, alguns dos títulos a esse propósito mais significativos). A presença de *C. Melamus Rufinus* na VIII coorte pretoriana, identificado como natural de *Salacia* (*CIL* VI 2685), será mais uma prova desse estreito relacionamento com o poder central.

²⁰ Essa, de facto, uma das objecções que Jorge de Alarcão fez o favor de me comunicar: «Fazer dos Césares Caius e Lucius obriga a recuar muito o flaminato provincial, que pode ter sido instituído concomitantemente com a construção do fórum provincial de Mérida no tempo de *L. Fulcinius Trio*. O *Lucius Cornelius Bocchus* de Alcácer poderá ter sido o primeiro flamen provinciae Lusitaniae em 29 d.C. ou em data muito próxima».

²¹ Esse é sempre o primeiro, em todas as listas de flâmines da Lusitânia: cf. Lefèbvre (2001, p. 231), que o data, porém, de 41-54.

²² Para ser *praefectus* não é necessário ser cavaleiro. *L. Cornelius Bocchus* parte do escol municipal e entrará na carreira equestre através do exercício da *praefectura fabrum*, como é habitual para os magistrados municipais; o primeiro cargo claramente equestre que desempenha é o tribuno militar.

Escusado será também dizer que, atendendo ao que se conhece do apego das gentes de *Salacia* ao poder central – haja em vista a, sempre comentada, inscrição passível de se relacionar com a consagração de um templo a Augusto por *Vicanus*, datada de 5-4 a. C. (*IRCP* 184) –, se me afigura difícil pensar que a cidade não houvesse acompanhado esse movimento geral do Império, através de iniciativas que ao *praefectus Caesarum* competiria organizar.

Constitui, pois, essoutro um caminho que se perspectiva na investigação, no sentido de se identificar a eventual existência de *praefecti Caesarum* nesse mesmo contexto, noutras cidades do Império, sem que se exija um carácter de substituição de alguém no exercício de funções concedidas como honra.

3.3. *PRAEFECTUS FABRUM*

Anote-se, de novo, que é essa situação verdadeiramente excepcional da nomeação de *praefectus fabrum* por cinco vezes, orgulhosamente mencionada em duas epígrafes, que leva a identificar, sem sombra de dúvida, como sendo o mesmo os personagens nelas referidos. Mas a que se teria devido tal excepção?

A referida inscrição de *Emerita* vem, pois, ao nosso auxílio, pois que aí poderá apresentar-se como a pessoa de confiança do governador *L. Fulcinus Trio*,²³ pela linhagem, pelo prestígio social, pela benemerência e fidelidade ao poder central, pela competência, pelo poder económico.

Escreve Marta González Herrero (2011), sintetizando Stylow e Ventura: «El motivo que propició el homenaje por iniciativa de los *conuentus* fue recordar la inauguración del centro religioso provincial construido en la capital de Lusitania, cuyas obras habían sido supervisadas por *L. Cornelius L. f. Gal. Bocchus* durante los cinco años que fue nombrado *praefectus fabrum* por el gobernador de Lusitania *L. Fulcinus Trio*. El templo dedicado al *Diuus Augustus* habría sido inaugurado durante el segundo semestre del año 30 d.C., tal vez el 22-23 de septiembre coincidiendo con el aniversario del natalicio del *Diuus Augustus*, su divinidad tutelar. En aquel momento, el Salaciense ocupaba el flaminado de la provincia de Lusitania para el año 30-31 y él, junto al entonces gobernador de la provincia, habría presidido su inauguración».

Aí está a razão: cinco anos foram precisos para levar a cabo a tarefa e o governador optou por manter em funções quem tão bem as estava a desempenhar!

Temos, portanto, um *Lucius Cornelius Bocchus* grande senhor, grande político, exímio governante, benemérito e benquisto, e... escritor também? Quiçá!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABASCAL, J. M. e CEBRIÁN, R. (2009). *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (2010). Lucio Cornelio Boco: turdetano de *Salacia* y autor de la Edad de Plata de la Literatura Latina. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*, 18 [no prelo].
- BACCOLINI, S. [s./d.]. *Le forme istituzionali (praefectus gentis, princeps gentis, praefectus nationis) nell'ambito del controllo politico militare delle popolazioni indigene non romanizzate*, tese de doutoramento apresentada à Università degli Studi di Parma, acessível em: <http://dspace-unipr.cilea.it/bitstream/1889/1309/1/Tesi.pdf>
- CIL* II = HÜBNER, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II. Berlim.
- DEMOUGIN, S. (1992). *Prosopographie des chevaliers romains Julio-claudiens*. Roma.

²³ É com este governador, legado do imperador Tibério, que membros da família *Stertina* fazem, a 21 de Janeiro de 31, um pacto de hospitalidade, consignado na *tessera hospitalis* achada em Juromenha (*IRCP* 479).

- DIDU, I. (1983). I praefecti come sostituti di Imperatori, cesari e altri notabili eletti alle più alte magistrature municipali. *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Cagliari*, 5(43), n.s., 1983-1984, 53-91.
- DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (1999). Homenagem a L. *Cornelius Bocchus*, encontrada nas termas dos Cássios (Lisboa). *Ficheiro Epigráfico* [=FE], 60, n.º 275.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984). Culto e sociedade na Salácia romana. *Religio Deorum* (Actas del Coloquio Internacional de Epigrafia «Culto y Sociedad en Occidente» – Tarragona, 6-8.10.1988). Sabadell, s./d. [1992], 161-169.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2002). *Salacia* et l'Afrique à l'époque impériale. *L'Africa Romana*, 14, 1499-1505. <http://hdl.handle.net/10316/13872>
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2004). Bandeira Ferreira, um labor de epigrafista. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, (série 122), 1-12, 111-120. <http://hdl.handle.net/10316/15880>
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2008). *IRCP* – 25 anos depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11(2), 215-230. <http://hdl.handle.net/10316/12234>
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2010). Divindades indígenas – os númenes das nossas raízes!. Em: B. Lopes [org.], *Conversas à volta de Santana do Campo*. Arraiolos, 27-38. <http://hdl.handle.net/10316/14155>
- ESPANCA, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII – *Concelho de Évora*. Lisboa.
- ÉTIENNE, R. (1974). *Le culte impérial dans la péninsule ibérique d'Auguste à Dioclétien*. Paris.
- FARIA, J. C. L. (2002). *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*. Lisboa.
- FE 40-41 = J. C. L., Dois fragmentos de placas de Alcácer do Sal (*Conventus Pacensis*). [FE 9 1984]
- FERNANDES, L. S. (2002). *Cornelius Bocchus, auctor Lusitanus* e notável de *Salacia*? Em: A. A. Nascimento (coord.), *De Augusto a Adriano*. Lisboa, 155-172.
- FERREIRA, F. B. (1956). A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos *Cornelii Bocchi*. *O Arqueólogo Português*, 2.ª série, 3, 87-105.
- GONZÁLEZ HERRERO, M. (2001). *La promoción social de las elites del poder lusitanorromanas y su presencia en los círculos dirigentes de Roma. Siglos I-III*. CD-R, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo.
- GONZÁLEZ HERRERO, M. (2002). Contribución al estudio prosopográfico de los *equites* lusitanorromanos: el *cursus honorum* protagonizado por el tribuno *Lucius Cornelius Lucii filius Galeria Bocchus*. *Aquila Legionis*, 2, 33-57.
- GONZÁLEZ HERRERO, M. (2006). *Los caballeros procedentes de la Lusitania romana: estudio prosopográfico*. Madrid.
- GONZÁLEZ HERRERO, M. (2011). *El culto imperial de dimensión provincial en Hispania: implantación y organización*. Tarragona, Institut Català d' Arqueologia Clàssica (Col. *Hic et nunc*, 8) (no prelo).
- IRCP* = ENCARNAÇÃO, J. d' (1984). *Inscrições romanas do conventus Pacensis*, Coimbra. [O número indica o número da inscrição no catálogo].
- KLEINER, Fred S. (1984). The Arch of Gaius Caesar at Pisa (*CIL*, XI, 1421). *Latomus*, 43, 156-164.
- LEFÈVRE, S. (2001). *Q. (Lucceius Albinus), flamen prouvinciae Lusitaniae?* L'origine sociale des flamines provinciaux de Lusitanie. In: M. Navarro Caballero e S. Demougin (coord.), *Élites Hispaniques*. Bordeaux, 217-239.
- MENNELLA, G. (1988). Sui prefetti degli imperatori e dei Cesari nelle città dell'Italia e delle province. *Epigraphica*, 50, 65-85.
- MENNELLA, G. (1989). I prefetti municipali degli imperatori e dei Cesari nella Spagna romana. In: C. Castillo (ed.), *Epigrafia Jurídica Romana*. Pamplona, 377-389.
- MORAIS, R. (2007). Contributo para o estudo da economia na Lusitânia romana. *Saguntum*, 39, 133-140.
- STYLOW, A. U. e VENTURA, Á. (2009). Los hallazgos epigráficos. In: R. Ayerbe Vélez, T. Barrientos Vera e F. Palma García (eds.), *El Foro de Augusta Emerita: génesis y evolución de sus recintos monumentales*. Mérida, 453-523.
- VASCONCELOS, J. L. (1895). Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal. *O Archeologo Portuguez*, 1, 65-92.

ARCHAEOLOGIA HISPANICA 1
(BIBLIOTHECA ARCHAEOLOGICA HISPANA 37)

